

# Seis ou sete motivos para o amanhã

Gustavo de Castro e Silva – PUC/SP

## RESUMO

O artigo tem como referência o livro “Seis propostas para o próximo milênio”, de Italo Calvino, e trata dos desafios que devem ser enfrentados pelo homem neste século. Às “Seis propostas” são confrontados dialogicamente os “Sete saberes necessários à educação do futuro”, de Edgar Morin, no sentido de apresentar seis ou sete saberes que devem ser ensinados, preservados e recriados como valores necessários ao espírito humano.

Palavras-chave: Literatura – Ciência – Teoria da comunicação.

## ABSTRACT

The article is based on the book “Seis propostas para o próximo milênio”, written by Ítalo Calvino, and discusses the challenges that must be faced by men in this century. The proposals are confronted to the seven wisdoms pointed in the book of Edgar Morin named “Sete saberes necessários para a educação do futuro”. The aim is to present six or seven wisdoms that shall be taught, preserved and recreated as needed values to the human spirit.

Key words: Literature – Science – Theory of communication.

Numa passagem do livro “Seis propostas para o próximo milênio”, Calvino, (1990, p. 133), destaca que “entre os valores que gostaria que fossem transmitidos para o próximo milênio está principalmente este: o de uma literatura que tome para si o gosto da ordem

intelectual e da exatidão, a inteligência da poesia juntamente com a da ciência e da filosofia”.

Arte, literatura, ciência e filosofia, com a carga multifocal que congregam, comportam, parte do próprio espectro conceitual do conhecimento neste início de século. Esse conjunto resulta num itinerário epistemológico capaz de resituar nossa teoria do conhecimento. O contrário desta hipótese, ou a contínua parcelarização destas áreas, só acentuaria o que hoje já é perceptível, principalmente, nas instituições acadêmicas e culturais: a fragmentação do conhecimento e sua superespecialização.

O filósofo espanhol Daniel Innerarity entende que a exaltação da ciência e da filosofia corresponde a sua transformação numa poética, e que a exaltação da poética está em dialogar com estes campos, mas nunca se deixar apreender. “Vico, Montaigne, Shaftesbery, Gracián, Erasmo, Herder foram alguns dos felizes inventores desta mudança de paradigma”. (INNERARITY, 1996, p. 97). Tal transformação está ligada a uma refundação mesmo da epistemologia contemporânea, que supõe “uma reforma de pensamento” (MORIN, 1996) e uma re-leitura aberta e transdisciplinar do conhecimento produzido pelo conjunto dos saberes planetários.

Innerarity (1996, p. 45) observa que “a filosofia e a arte são igualmente culturas da atenção para com a realidade e não exercícios de distração”, e que “se no âmbito da ciência e da técnica aumenta o envelhecimento, recai sobre o das letras a tarefa de resgatar as significações das particularidades agonizantes, que não merecem perecer”.

A incursão teórica a partir de textos literários ainda é recente no universo da filosofia e da ciência e, sobretudo, nas teorias da comunicação. Embora alguns pensadores insistam cada vez mais em recorres metodológicos transversalizantes na leitura do

mundo, o fato é que o forte disciplinamento curricular e a vigilância cognitiva dos departamentos de terceiro grau, ainda impedem avanços neste sentido. Contudo, nem sempre foi assim.

Na idade de ouro da cultura humanística, a diferenciação entre literatura e filosofia era fraca: o ensaio, esforço de reflexão e proposição sobre os temas mais diversos, fazia a ponte entre elas. Assim, de Montaigne a Diderot, de Maquiavel a Vico, o ensaísmo resplandecia em todos os campos e problemas. A filosofia não tinha ainda se fechado na instituição universitária e a literatura não recuara para a forma (MORIN, 1998, p. 88).

Esta separação dogmática – reforçada ao longo do século XIX, prolongada por todo o século XX, acabou por cindir o próprio entendimento do mundo e do homem. A cultura transformou-se em duas culturas nos dizeres de Snow (1995), uma científica e outra humanística, literária, artística, como se não fossem convergentes, dialógicas e complementares.

Nunes (1998, p. 72) revela que a convergência das culturas, a pertinência da superação desta dicotomia e a necessidade de refazê-la, requer uma leitura mais ampla da sociedade e da própria ciência. Ele verifica as condições de possibilidade analítica na relação entre poesia e música, poesia e teologia e poesia e história. Em todos os casos em que o jogo literatura – outros campos se manifesta, “os conceitos se traduzem em outros conceitos. E as formas, intraduzíveis, acenam e gesticulam”.

O mal que se abateu sobre a teoria da comunicação foi que ela se tornou uma história das idéias do pensamento comunicacional, e não um espaço aberto à construção e troca recíproca, espontânea, dinâmica e artística. O mal que se abateu sobre a literatura, por sua vez, diz respeito ao caráter supérfluo que lhe foi atribuído a partir do desenvolvimento da herança cartesiana associada a física de Newton (NUNES, 1998, p. 73), e que ao longo do avanço epistemológico, hermenêutico e tecnológico, em especial, o da cultura de massa, foi

deixada de lado como teoria do conhecimento não sendo mais relevante à ciência. Herança esta que surge talvez, bem antes, com Platão.

A despeito de uma itinerário poético do pensamento, Nunes propõe a necessidade de uma releitura dos clássicos, assumindo, indiretamente, a sentença de Calvino (1993, p. 11): “um clássico nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Nunes traz à cena filosófica Fernando Pessoa, Holderlin, Valéry, Guimarães Rosa, Leopardi, Shakespeare, Carlos Drummond, entre outros, pondo-os a dialogar com Platão, Heidegger, Nietzsche, todos como “artistas-filósofos”, “filósofos-artistas”, que desencadeiam (e propiciam), sem cessar, novas leituras para o pensamento contemporâneo.

A arte e a literatura estão, pois em condições de lançar pontes entre a subjetividade e a teoria, e podem muito bem engendrar uma contribuição mínima que seja à filosofia e à ciência. Como produção científica, sua aplicabilidade não pode ser solucionada por meio de regras esquemáticas, mas pela abertura ao jogo das multiplicidades. A literatura coloca à disposição da ciência um outro espírito: muitas vezes mais intuitivo, erótico e complexo, e não menos filosófico. Certamente, menos quantitativo.

Por sua capacidade ilimitada de recursos, a literatura inspira um outro fazer teórico-metodológico. Essa necessidade de retomada dos textos literários nas chamadas ciências humanas e sociais não está dissociada nem das teorias tradicionais nem dos elementos constitutivos da vida cotidiana, das práticas imediatas de sobrevivência, do trabalho, das contradições sociais, das condições políticas, das emergências culturais. A utilização de textos literários em concomitância com textos mais técnicos, é perfeitamente possível, embora devesse ser natural. O que não se pode é colocar a arte de um lado, para dimensões do imaginário, e a vida social para outro, para as “campos de realidade” e do mundo vivido.

Pode-se afirmar que o que há de comum entre Nunes, Innerarity, Morin e Calvino é o apêlo e o elogio à uma nova forma de lidar com o conhe-

cimento. Trata-se da articulação entre um pensamento ético e um estético e, principalmente, nos dois últimos autores, de fazer emergir a relação sapiencial-demencial com o saber humano.

A propósito, Morin e Calvino são intelectuais que se propuseram a pensar os saberes, seja como reflexão sobre a educação do futuro (MORIN, 2000), seja como ensaio propositivo para o século vinte-e-um (CALVINO, 1990). Chegamos assim ao novo milênio com algumas lições: seis ou sete saberes que devem ser preservados como incentivadores da vida humana.

Para Morin é necessário aprender com o erro, a ilusão e o engano, mas também aprender a evitá-los. Para que o conhecimento seja pertinente, são necessários alguns princípios orientadores da razão. Aprender a identificar as “cegueiras paradigmáticas”, por exemplo, é um desses princípios. Lidar com a incerteza, a inexatidão e o inesperado, ou com as idéias obsessivas que nos atormentam e impulsionam são aspectos desse aprendizado, que Morin (2000) entende, “necessários à educação do futuro”.

Além da necessidade de aprender com e sobre o erro, o autor destaca a importância do ensino da condição humana, e do exercício da identidade terrena, de como lidar/enfrentar as incertezas, e, por fim, o ensino da compreensão de si e dos outros que é outra forma de falar da ética do gênero humano. Nos “princípios do conhecimento pertinente”, outro dos sete saberes, ele diz: “quanto mais poderosa é a inteligência geral maior é a sua faculdade de tratar de problemas especiais” (MORIN, 2000, p. 39).

A mente formada pelas disciplinas hiperespecializadas perde sua aptidão natural para contextualizar os saberes, do mesmo modo que para integrá-las em seus conjuntos naturais (MORIN, 2000, p. 40). O bem pensar corresponde ao modo que permite apreender texto e contexto, local e global, ser e meio ambiente. Em suma, é necessário ter consciência da complexidade e do desafio que é a peleja humana com o conhecimento.

Os saberes devem ser ensinados, preservados, confrontados e recriados; são valores cujo engendramento metuculoso, tenaz e livre devem ser buscados pelo espírito humano. Passemos o ponto nestas lições. Os “sete saberes necessários à educação futuro”, descritos por Morin são, por ordem: 1) Ensinar a lidar com o “erro e a ilusão”; 2) Ensinar os “princípios do conhecimento pertinente”; 3) “Ensinar a condição humana”; 4) “Ensinar a identidade terrena”; 5) Ensinar a “enfrentar as incertezas”; 6) “Ensinar a compreensão” e 7) Ensinar a “ética do gênero humano”.

É vital para o século XXI nos valermos de alguns talismãs, como é o caso das sóbrias lições americanas de Calvino, ou da proposta de reeducação, de Morin. A arte, literatura, filosofia e ciência, podem, juntas, se constituir no registro e memória dos saberes da tradição ou expressão maior do engenho humano ao longo do tempo.

As *Lezioni Americane* ou, como no título original em inglês *Six memos for the next millennium*, escritos entre fevereiro e setembro de 1985, já decantam agora no milênio para a qual foram destinadas. O que era “próximo” se tomou “atual”.

Esse simples desfocar temporal pode subsidiar algumas reflexões e descobertas, além ser um típico exercício calvineano: o olhar que muda o ponto de vista continuamente. Como, então, ler hoje as propostas advindas do milênio passado para a atual? Calvino (1990) mesmo parece não se importar muito com a virada do milênio, segundo registro feito num fragmento introdutório das *Lezioni*, dizendo que essa mudança de data não lhe causa grandes entusiasmos, e que nada poderíamos levar para a próximo milênio que já tivéssemos nesse (ou naquele). O mais importante não é remeter as propostas para este ou aquele milênio, mas lembrar a atualidade e a pertinência que cada uma tem.

Na tarde do dia seis de setembro de 1985 Calvino é acometido de um aneurisma cerebral, passa doze dias internado, e na madrugada do dia 18 para 19 morre no hospital Santa Maria della Scala, de Siena, o mais antigo do mundo, e o mesmo onde viveu Santa Catarina. As lições, preparadas para a *Norton Lectures* da Universidade de Harvard, ficam

então guardadas por três anos, até serem publicadas em 1988 pela editora Arnoldo Mondadori, de Milão. Quando Calvino começa a esboçar os primeiros fragmentos por volta do dia 22 de fevereiro, pensa imediatamente no título “Começar e acabar”, já que os primeiros esboços tratam da arte de começar e concluir romances. Esse texto é inédito no Brasil, mas nas edições portuguesa, espanhola e italiana já vêm sendo editado junta às *Lezioni*; algumas reedições, como a espanhola, advertem para a possibilidade daquele texto ser a sexta proposta inédita (Consistency), muito embora o tema da consistência não seja abordado ali em nenhum momento. Outras edições preferem ser cautelosas, e registram apenas que o texto serviu para Calvino amadurecer o caminho, a forma e a conteúdo das conferências, e que talvez, nem viesse a usá-la.

De qualquer modo esse apócrifo é, ao que parece, um texto secundário, já que não entrou sequer no projeto provisório que ele pretendia usar nos Estados Unidos. Os textos foram encontrados por sua mulher numa pasta, já datilografados em inglês, com a indicação das seis lições: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Que Calvino pudesse concluir suas conferências com um ensaio sobre a arte de terminar e iniciar romances não é nenhuma impossibilidade, difícil é imaginar, para quem lê o opúsculo, o engenho que levaria àquelas reflexões a idéia de consistência, uma vez que todas as propostas giram em torno de sua própria temática, o que não ocorre no texto em questão.

Passados os anos da escritura das “Seis propostas” nada parece arrefecer sua atualidade e força poética. Os ensaios, esperamos, provavelmente irão sobreviver ainda por alguns milênios, e levar até eles o conjunto de buscas morais e literárias do próprio Calvino. Ao longo da redação do texto, quando fica claro para ele que as lições poderiam ser mais do que conferências acadêmicas, mas o momento propício para uma autoavaliação, uma investigação pelas engrenagens da literatura e uma apologia aos valores, constrói, então, o que parece ser a sapata ou a base elementar de sua poética, e do que gostaria de ver preservado para o “próximo milênio”.

A leveza, primeira das lições, explora a necessidade de contrapor e reagir ao peso do mundo com um espírito ao mesmo tempo sutil e preciso, “como o pássaro e não como a pluma”, frisa Calvino, citando Valéry. Cabe ao olhar que perscruta, a função de tirar o peso das coisas; na recusa da visão direta, não da recusa da realidade do mundo, é que reside à força da leveza. O poeta argentino Roberto Juarroz quando diz que “só a leveza demora a cair”, ilumina um pouco essa concepção calvineana: só a leveza é capaz de sustentarnos ante a gravidade do mundo, só ela é capaz de renovar nosso contato com as coisas, sempre que o real se torna insuportável: é a valorização do olhar indireto (o olhar de Perseu) sobre o olhar direto (o olhar que nos transforma em estátuas de nós mesmos), que garante a vivacidade e a mobilidade da inteligência, a sutileza e a graça da existência. Apoiando-se em Lucrecio observa que o fato do vácuo ser tão concreto quanto os sólidos aponta, entre outras coisas, para uma irreflexão de nossa parte: temos a experiência sensível do peso das coisas, mas o contrário parece não ser verdade: a experiência sensível da leveza, como experiência de um certo despojamento em relação ao mundo, como ação cotidiana ou como alegoria de valor emblemático, isso não parece nos mover ou entusiasmar.

A rapidez tem haver com a idéia de ritmo, de economia, de habilidade e de agilidade. A redução ao essencial, aliás, é uma idéia recorrente em Calvino. A rapidez da poesia, por exemplo, deveria ser incorporada à prosa. Mas não só: deveria valer também para o raciocínio, para a economia dos argumentos, enfim, na busca de uma “expressão necessária, única, densa, concisa, memorável”. Calvino diz se inspirar desde cedo na máxima latina *festina lente* (apressa-te lentamente) como modo de percepção dos segredos do ritmo contidos nas narrativas, e como modo de operacionalizar a continuidade e a descontinuidade das histórias, tipo de andadura, velocidade e concisão. Interessa notar também a potência presente no conciso da escrita breve (a exemplo da poesia) como fizeram alguns de seus mestres como Jorge Luis Borges e Francis

Ponge. O rápido-conciso-potencial presente na proposta calvineana pode ser lido também como o desejo de uma ação narrativa que seja simultaneamente necessária e vital.

A exatidão aproxima-se da rapidez pela precisão que requer. Mas afasta-se dela pela necessidade de deter-se ante ao infinitesimal, de ser tragada pelo detalhe do detalhe do detalhe, coisa que a rapidez não permite. Literalmente, podemos dizer que a exatidão é a busca da imagem adequada através da descrição, do ambiente, da iluminação e da atmosfera, ou da imagem que melhor desperte no leitor o clima desejado pelo narrador. A palavra adequada na imagem ideal: busca cirúrgica na construção da cena. Palomar (1983), último romance de Calvino editado em vida, é um exercício de exatidão: ele o denominou “caderno de exercícios” de descrições, porque quando o começou a escrever, em 1975, entregou-se como um escolar ao desafio de fazer descrições: descrição de um céu estrelado, das ondas do mar, de uma casa de queijos etc. A exatidão de aproxima, em alguns momentos de uma busca conceitual, rigorosa, científica, complexa, uma investigação nos meandros da expressão, que deve registrar ao mesmo tempo a tensão da racionalidade geométrica e o emaranhado da existência humana.

Muitos pensam que o tema da invisibilidade, do vazio e do inexistente eram tratados por Calvino apenas pela riqueza alegórica e literária: interessava-lhe, sobretudo, o tema da visibilidade. Interessava-lhe a riqueza e o valor da imagem e da imaginação como fiel depositária das verdades do universo, porque, seguindo outros caminhos que não o do conhecimento científico, ela pode revelar ao homem um meio de atingir um conhecimento extra-individual e extra-objetivo. A imaginação como instrumento do saber e como identificação com a alma do mundo. A imaginação como capacidade de construir imagens com olhos cerrados. A imaginação como pedagogia...

Não é por acaso que Calvino cita Carlo Emilio Gadda (1893-1973), na abertura da pro-

posta multiplicidade: o escritor italiano inspirou-o à necessidade de “reformatar o sentido da categoria de causa”. Em Gadda, cada objeto mínimo é visto como o centro de uma rede de relações, da qual não se consegue nem se pode esquivar. Gadda, assim como Robert Musil, (1882-1942), e Jorge Luis Borges (1899-1986) mostram-nos que a multiplicidade é uma forma de encarar a totalidade, uma maneira de tecer o fio que ata as coisas maiores às menores e vice-versa. É também a consciência na impossibilidade de concluir o que quer que seja, pois cada coisa, cada ação e cada presente se bifurcam invariavelmente em dois futuros, de modo a formar uma rede crescente e vertiginosa, sem fim. A idéia de histórias que se cruzam, caminhos que se bifurcam, relações dentro de relações, combinatória de experiências, informações, leituras e imaginações é o que está por trás da proposta da multiplicidade. Conhecimentos que se cruzam, teorias científicas que dialogam com as vanguardas das experiências estéticas ou com a tradição ou, ao contrário, a arte e a literatura que se enriquecem com o pensamento filosófico e científico, são alguns dos valores que Calvino pretendia nos comunicar em suas conferências, com o intuito de que fossem religados de forma pertinente ao homem.

A impossibilidade de concluir o que quer que seja pode ser representada ainda no próprio inacabamento das “Seis propostas”, algo, aliás, que já se tomou emblemático. Um escritor que sempre prezou pelo vazio, pelo partido e pelo volátil deixou a última das propostas, justamente a consistência, em estado nada palpável. Talvez a melhor forma de compreendê-la seja essa. Ou não, talvez seja pouco, principalmente para os amantes da narrativa calvineana, talvez o próprio Calvino, em sua ironia habitual, quem sabe, diria que a sexta proposta é aquela em que pensa dizer mais coisas, a que mais se parece com ele e com os seus personagens, talvez a que revela um modo de ser no mundo, por basear-se neste inacabamento; proposta que ficou, a um só tempo, leve, concisa, invisível e distante.

## REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **Porque ler os clássicos**. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p.11.

\_\_\_\_\_. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p.133.

INNERARITY, Daniel. **A filosofia como uma das belas artes**. Lisboa: Teorema, 1996. p.97.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. **Método IV**. Porto Alegre: Sulinas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

NUNES, Benedito. **Crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1998. p.72

SNOW, C.P. **As duas culturas**. São Paulo: Edusp, 1995.